



CRISTINA MARIA BELARMINO DA SILVA AQUINO

O Feminino e suas faces

MONOGRAFIA

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Junguiana,
Arte e Imaginário

Rio de Janeiro, Novembro de 2018



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



**CRISTINA MARIA BELARMINO DA SILVA
AQUINO**

O Feminino e suas faces

Monografia

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Junguiana, Arte e Imaginário. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Orientador: Álvaro de Pinheiro Gouvêa

Rio de Janeiro, Novembro de 2018



Dedico este trabalho ao meu marido e a meus filhos pela paciência e pelos momentos furtados do seu convívio.

A minha mãe Maria José (in memorian) pelo exemplo de garra e determinação.

Ao mestre Carlos Bernardi (in memorian) pelos valiosos ensinamentos transmitidos.

Agradecimentos

Agradeço a Deus em primeiro lugar pois sem ele nada somos;

Ao meu marido Ivan e aos filhos Ivan e Gabriel;

Aos professores que foram peça fundamental em meu crescimento acadêmico, especialmente a professora Patricia Teixeira pela sugestão de título e Álvaro de Pinheiro Gouvêa, responsável pela coordenação do curso.

Aos companheiros de curso pela força e incentivo que me motivaram a seguir adiante.

*Eu sou aquela mulher
a quem o tempo muito ensinou.
Ensinou a amar a vida
e não desistir da luta,
recomeçar na derrota,
renunciar a palavras
e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores humanos
e ser otimista.
Cora Coralina*

Resumo

Este trabalho buscou trazer uma reflexão sobre o papel da mulher na sociedade. No mesmo contexto, apresentou-se algumas fases do processo de colonização brasileiro, como forma de demonstrar alguns aspectos que exerceram forte influência na formação da cultura e do pensamento tanto de homens quanto de mulheres. Foram trazidas algumas questões apresentadas pela filósofa Simone de Beauvoir no livro “O Segundo Sexo” no intuito de abordar o tema sob a ótica da Psicologia Analítica de C.G.Jung. Além desse teórico, o tema foi discutido sob o ponto de vista de autoras que adotam essa tese mas que desenvolveram um novo olhar sobre alguns conceitos.

Palavras Chave: Arquétipos, Beauvoir, Feminino, Jung, Psique

Abstract

This work sought to reflect on the role of women in society. In the same context, some phases of the Brazilian colonization process were presented, as a way of demonstrating some aspects that exerted a strong influence on the formation of culture and the thought of both men and women. Some questions were presented by the philosopher Simone de Beauvoir in the book “The Second Sex” in order to approach the theme from the perspective of C.G.Jung’s Analytical Psychology. Besides this theoretical, the theme was discussed from the point of view of authors who adopt this thesis but also who have developed a new look on some concepts.

Keywords: Archetypes, Beauvoir, Female, Jung, Psyche

Sumário

1	INTRODUÇÃO	8
2	O FEMININO NO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO BRA- SILEIRO	11
2.1	A FORMAÇÃO SOCIAL NO BRASIL	14
2.2	A FAMÍLIA BURGUESA	15
3	SIMONE DE BEAUVOIR E A CONSTRUÇÃO DO FEMI- NINO	17
3.1	A INFÂNCIA	18
3.2	A JUVENTUDE	19
4	A TEORIA JUNGUIANA	21
4.1	ARQUÉTIPOS	22
4.1.1	SÍMBOLO	23
4.1.2	COMPLEXO	25
4.2	O ARQUÉTIPO DA ANIMA	26
4.3	O FEMININO NA TEORIA ANALÍTICA	28
4.3.1	ARQUÉTIPOS DAS DEUSAS	29
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	Referências	35

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo abordar a questão do feminino sob o enfoque da teoria analítica de Carl Gustav Jung, trazendo algumas adaptações a partir do olhar feminino. Antes, porém, faz-se mister apresentar o contexto histórico da mulher no Brasil a partir da colonização e, em sequência, o pensamento de Simone de Beauvoir. A escolha dessa autora como uma das referências principais mostra-se bastante pertinente, pois sua obra “O Segundo Sexo” ainda é considerada um marco em se tratando de questões ligadas à mulher.

Simone de Beauvoir apresentou grandes reflexões sobre o “eterno feminino”. Trouxe vários questionamentos no sentido de tentar desvendar as razões dessa diferenciação entre os gêneros. O tema foi discutido sob diversos aspectos e talvez ainda não haja uma resposta pronta. A mulher ainda luta para alcançar o seu espaço em condições mais igualitárias na sociedade. Contudo, apesar de alguns avanços, muito ainda precisa ser feito. A cada dia surgem novas discussões e a pergunta chave feita pela autora ainda carece de respostas. Afinal o que é ser mulher?

Este trabalho pretende apenas ampliar a discussão e trazer à baila os aspectos psicológicos envolvidos nessa temática. Como se sabe, somente através de um processo de conscientização é possível trazer alguma transformação no campo social.

Simone de Beauvoir afirma, na obra supracitada, que a feminilidade não passa de um mito construído ao longo do tempo:

As mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano.(BEAUVOIR, 2016a, p.7)

Apesar de Beauvoir (2016a) afirmar que ao empregar as palavras ‘mulher’ ou ‘feminino’ não esteja se referindo a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável, ela deixa claro que seus estudos enunciam as bases comuns nas quais se desenvolve toda a existência feminina singular.

Muito embora o contexto histórico relatado por Beauvoir esteja distante de nossa realidade, ao longo deste trabalho notar-se-á, que a construção do papel feminino na sociedade brasileira não ocorreu de forma muito diferente.

Conforme Raminelli (2017), desde o período colonial brasileiro, através dos relatos dos viajantes que observavam a cultura indígena, o cotidiano feminino era visto com um olhar carregado da tradição cristã e atravessado pelos valores europeus. O autor ressalta que esses viajantes descreviam as velhas índias de forma bastante pejorativa:

“As velhas índias, portanto, encarnam esse estado avançado da decrepitude, ressaltado em seu pendor para os prazeres da carne. Os desvios da sexualidade e o gosto pelo repasto canibal constituem indícios inegáveis da degeneração. Os homens, por sua vez, foram poupados pelos missionários e viajantes e não eram vistos dessa mesma forma. Em relação às representações do sexo masculino, as das velhas receberam uma dupla carga estereotipada: primeiro, por serem mulheres; segundo, por suas idades avançadas. (RAMINELLI, 2017, p.43)

É fato que ao longo dos tempos o pensamento masculino foi fortemente influenciado pela simbologia dos mitos. Nesse contexto, a imagem da mulher foi sendo construída como um ser frágil e inferior o qual perdura, ainda que em menor grau, até os dias atuais.

Simone de Beauvoir descreve com bastante propriedade como se dá a construção do papel feminino na sociedade. Segundo seus estudos, a educação a qual a “mulher feminina” recebe lhe dá uma característica de passividade e, “é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos” . (BEAUVOIR, 2016a, p.24)

Não se pode perder de vista, no entanto, que as relações entre os gêneros são articuladas com o fato social do qual fazem parte tanto o homem quanto a mulher. Nesse sentido, é necessário entender esse processo e o seu desenvolvimento através dos tempos, bem como sua influência nos aspectos psicológicos.

Campbell (2008) afirma que “o primeiro fato que distingue a espécie humana de todas as outras é nascer cedo demais”. Esse fato, segundo esse mesmo autor, os torna incapazes de cuidar de si mesmos por um longo período de suas vidas (CAMPBELL, 2008, p.38)

Sobre esse aspecto Sullwold (1999) enuncia que:

Essa nova criatura, movida por uma necessidade de ser provida e orientada, encontra-se numa família específica, numa cultura específica, sendo educada de uma maneira específica. A esses elementos particulares correspondem regras, valores e sistemas aos quais a criança começa a se adaptar, ficando moldada pelos mesmos. (SULLWOLD, 1999, p.24-25)

Isso reforça a ideia de como as representações sociais podem influenciar o imaginário. Campbell afirma que “Onde quer que exista uma imagem mítica, ela foi legitimada por décadas, séculos ou milênios de experiência nessa trajetória e constitui um modelo”. (CAMPBELL, 2008, p.18)

O mesmo autor destaca que, ao escrever “O herói de mil faces”, teve muita dificuldade de encontrar heroínas do sexo feminino. Por isso, ele teve de recorrer aos contos de fada, pois estes eram contados às crianças pelas mulheres. Segundo ele: “Todas as grandes mitologias e boa parte das narrativas míticas do mundo têm um ponto de vista masculino” (CAMPBELL, 2008, p.167)

Com certeza houve alguns avanços em relação ao papel da mulher na sociedade. Contudo, ainda não se pode dizer que se alcançou um patamar que possa ser considerado ideal, pois, os fatores culturais herdados de uma sociedade predominantemente patriarcal ainda pesam contra a realização da mulher no mundo.

Assim, este trabalho apresenta os aspectos psicológicos envolvidos na construção social do feminino. Busca-se, com este estudo, demonstrar a possibilidade de reconstrução desse processo, no sentido de se formar uma sociedade mais justa e harmônica, a partir da conscientização do ‘Eu’, enquanto processo psíquico.

O trabalho está estruturado da seguinte forma:

No primeiro capítulo apresenta-se um breve histórico da mulher no período de colonização brasileiro, mostrando como se iniciaram os conflitos em relação ao papel da mulher na sociedade brasileira, bem como os mitos envolvidos.

No segundo capítulo apresenta-se a construção do feminino, a partir do pensamento e do estudo feito por Simone de Beauvoir.

No terceiro capítulo faz-se uma análise desses fatos a partir dos conceitos da teoria Analítica de Jung, com algumas inovações trazidas pela autora Jean Shinoda Bolen e apresenta-se as considerações finais.

2 O FEMININO NO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO BRASILEIRO

A Análise do processo histórico não pode prescindir da abordagem do mito. Tanto a psicologia Analítica de Jung como até mesmo outras linhas teóricas consideram sua influência na construção da Psique Humana. Segundo Junito Brandão : “ O mito expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações” (BRANDÃO, 1986, p.36)

Complementando essa assertiva Nise da Silveira afirma que:

Os mitos condensam experiências vividas repetidamente durante milênios, experiências típicas pelas quais passaram (e ainda passam) os seres humanos. por isso temas idênticos são encontrados nos lugares mais distantes e mais diversos. A partir desses materiais básicos é que sacerdotes e poetas elaboram os mitos, dando-lhes roupagens diferentes, segundo as épocas e as culturas (SILVEIRA, 1997, p.114)

A figura do feminino no processo de colonização brasileiro foi solidificado por uma matriz de origem judaico-cristã. Porém, este processo foi oriundo dos modelos que já haviam se instalado em outros continentes. Conforme Beauvoir escreve:

“ com São Paulo afirma-se a tradição judaica ferozmente antifeminista. São Paulo exige das mulheres discrição e modéstia; baseia, no Antigo e no Novo Testamento, o princípio da subordinação da mulher ao homem. ” o homem não foi tirado da mulher, e sim a mulher do homem; e o homem não foi criado para a mulher, e sim esta para o homem.“ (BEAUVOIR, 2016b, p.134)

Os relatos dos primeiros viajantes que visitaram o Brasil por volta dos séculos XVI e XVII apresentavam uma série de estereótipos em relação a figura feminina. Segundo Raminelli (2017) “ os colonizadores descreveram os nativos de acordo com os paradigmas teológicos cristãos, observando o Novo Mundo segundo padrões e valores muito distantes da realidade americana“ . (RAMINELLI, 2017, p.12)

Ainda de acordo com Raminelli (2017), a visão que os primeiros colonizadores tiveram dos índios brasileiros não era independente do imaginário destes. Destacou que “Não havia a hipótese de serem concebidos apenas como estranhos ao universo cristão“. Para este autor, aceitá-los dessa forma seria uma afronta ao princípio ortodoxo cristão segundo o qual todos os seres humanos são descendentes de Adão e Eva, conforme assinalado na Bíblia.Ibid., p.12

Continuando no mesmo raciocínio(RAMINELLI, 2017), afirma que os hábitos indígenas eram vistos como indícios de barbarismo e da presença do Diabo. Por outro lado, os hábitos considerados bons “faziam parte das leis naturais criadas por

Deus”. Sob a ótica desses viajantes os povos do novo continente eram considerados inferiores aos olhos de Deus. Os costumes indígenas eram muitas vezes retratados através de gravuras. Conforme Raminelli, na maioria das vezes “as gravuras remetem à trilogia ‘prazer, canibalismo e mulher’ e às passagens bíblicas sobre Eva.” Id., 2017, p.34

Os relatos históricos de Raminelli (2017) não se desconsidera a participação das mulheres da tribo nos rituais canibalistas. Contudo, de acordo este historiador, as índias não tinham funções que se possam dizer “militares”. Não é novidade que os índios eram os maiores combatentes, e, assim recebiam os maiores privilégios na tribo, “a eles cabia a condução dos destinos da comunidade”. Deste modo, Raminelli assegura que o papel feminino teria sido hipervalorizado devido à misoginia que reinava na Europa durante os séculos XVI e XVII. Conclui ainda que, na visão desses viajantes: “As mulheres, índias ou europeias, eram filhas de Eva e reuniam em si os piores predicados”. (RAMINELLI, 2017, p.36)

A partir dos relatos e gravuras apresentados ao continente europeu pode-se inferir que o mito de Eva influenciou fortemente a visão que esses viajantes tinham dos povos primitivos do Novo Mundo. Segundo Emanuel Araújo “Nunca se perdia a oportunidade de lembrar às mulheres o terrível mito do Éden, reafirmado e sempre presente na história humana” . (ARAÚJO, 2017, p.46)

A cultura europeia trazida ao Brasil desde os primeiros períodos da colonização contribuiu muito na construção social. Araújo (2017) destaca que a Igreja exercia muita repressão sobre a sexualidade feminina. Este autor relata que o principal argumento para isso era justificado pela Epístola dos Efésios, segundo a qual:

“As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos como ao Senhor, porque o homem é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja. . . Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos” Id., 2017, p.46

Nessa mesma linha de raciocínio, o autor enuncia que o macho (marido, pai, irmão etc.) representava Cristo no lar, assim, “A mulher estava condenada, por definição, a pagar eternamente pelo erro de Eva, a primeira fêmea, que levou Adão ao pecado e tirou da humanidade futura a possibilidade de gozar da inocência paradisíaca”. Id., 2017, p.46

Além dessas gravuras que polvoaram o imaginário durante o período colonial em relação aos nativos do Novo Mundo, havia também inúmeras cartas dos jesuítas. Foi com base no estudo dessas cartas que o autor Gambini (1988), a partir do conceito de projeção¹ demonstrou o quanto esse aspecto da psique humana exerceu

¹ “A projeção é um fato que ocorre involuntariamente, sem qualquer interferência da mente consciente, quando um conteúdo inconsciente pertencente a um sujeito (um indivíduo ou grupo) aparece como

forte influência tanto nos viajantes quanto nos jesuítas quando se defrontaram com a nossa cultura, especialmente em relação às índias. Segundo ele:

Ao lado do diabo e dos pajés, os jesuítas também reservaram um lugar para as mulheres no reino das trevas. De um ponto de vista geral esse fato não é surpresa, pois dificilmente encarariam de outro modo qualquer mulher, a começar de Eva, preconceito este em nada peculiar aos membros da Companhia e evidentemente muito anterior à existência desta.(GAMBINI, 1988, p.173)

O mito de Eva pode ser visto como uma imagem distorcida da deusa grega Afrodite. Na mitologia grega Afrodite é retratada como sedutora, bruxa e mulher fatal. Contudo, conforme Woolger e Woolger (1993) os gregos “preservavam um forte sentido da sexualidade como um dom sagrado, não um bem a ser explorado, e é por isso que reverenciavam Afrodite”.(WOOLGER; WOOLGER, 1993, p.111)

Diferentemente da imagem formada em relação ao mito de Eva, a figura de Afrodite era reverenciada pela antiga religião grega. Os gregos a cultuavam pois era vista como a representação do amor, da beleza e da sexualidade.

Prosseguindo, Woolger e Woolger (1993) relata que a história não nos mostra indícios de que Jesus desprezasse as mulheres. Segundo ela, foram São Paulo e Santo Agostinho que “lograram estampar o cristianismo e o Ocidente com uma aversão ao sexo e ao corpo da qual nós nunca conseguimos nos recuperar plenamente”. Os primeiros fundadores do cristianismo, conforme a autora, nutriam verdadeiro horror pelo amor liberal, pelo corpo e pelo prazer sexual, eventos que eles associavam à figura da deusa. Deste modo, esse pensamento foi disseminado por quase dois mil anos na cultura ocidental, a qual passou a “suprimir qualquer impulso que pudesse estar associado a deusa do amor terreno”. Id., 1993, p.125

Woolger e Woolger (1993) acrescenta dois fatores que possivelmente seriam responsáveis pelo modelo criado pelo patriarcado: “o medo que os homens têm de perder o poder e um horror ao corpo”. O primeiro fator ligado à passagem da família matrilinear para a família patrilinear, e o segundo teria se originado na “propensão ascética do cristianismo”. Ainda de acordo com essa mesma autora, nas sociedades patriarcais a propriedade e a descendência são transmitidas de pai para filho, logo a paternidade legítima se torna um fator essencial. (WOOLGER; WOOLGER, 1993, p.123)

Seguindo essa linha de raciocínio não é difícil supor que a liberdade sexual, característica marcante da deusa Afrodite, se torna um empecilho à continuidade dessa estrutura.

se pertencesse a um objeto (outro indivíduo ou grupo ou o que quer que seja, desde seres vivos até sistemas de ideias, a natureza ou a matéria inorgânica)(GAMBINI, 1988, 36)

2.1 A FORMAÇÃO SOCIAL NO BRASIL

A influência da cultura europeia, sobretudo em relação ao papel da mulher na sociedade brasileira pode ser sentida em diversos períodos e em regiões distintas do Brasil. De acordo com alguns historiadores, a figura feminina era comumente vista como sinônimo de pecado e feitiçaria. Araújo (2017) afirma que era bastante comum a associação explícita entre feitiçaria e sexualidade.² Havia legislações civis que inclusive vedavam a essas mulheres a preparação de bebidas, pois acreditavam que elas poderiam induzir qualquer indivíduo a “querer bem ou mal a outrem, ou outrem a ele”. (ARAÚJO, 2017, p.47)

O estigma da mulher associada à imagem do pecado persiste por todo o período colonial brasileiro. As imagens que retratavam a figura das índias colaboraram com a disseminação da misoginia existente na Europa e, de certo modo, o mito do feminino estereotipado avançou nos lares e na sociedade de modo geral.

As primeiras colônias formadas refletiam os modelos europeus. A sexualidade das jovens era constantemente vigiada por todos os membros da família, sob o argumento, segundo o mesmo autor de que, “ao arrebentar as amarras, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas.” (ARAÚJO, 2017, p.45)

A educação das mulheres também se restringia ao básico, ler e escrever, era considerado suficiente, na medida em que as prendas domésticas é que eram vistas como essenciais. O mesmo autor destaca que, somente as meninas que eram destinadas ao convento aprendiam latim e música.

Muito embora a maioria das mulheres absorvesse os valores misóginos predominantes no meio social, os chamados “desvios da norma” não eram tão incomuns. O autor destaca que tais desvios, poderiam ser explicados possivelmente pela formação de algumas colônias distantes do Rei.

Esses “desvios” deixam evidente que nem todas as mulheres se submetiam a essa proclamada “passividade”. De acordo com Araújo (2017), para burlar a forte repressão sexual sofrida, algumas mulheres se submetiam a atos homossexuais esporádicos, ou assumiam a transgressão de modo permanente e sem escondê-la. Todavia, o mesmo autor destaca, que nem sempre essas atitudes denotavam a existência de homossexualismo. As mulheres se aproximavam de outras mulheres como uma forma de fugir da severa reclusão que lhes era imposta. Elas se aliavam na

² “Duas foram as consequências psicológicas de se negar a Afrodite um verdadeiro lugar na cultura do final da Idade Média: a disseminação da neurose sexual e o aparecimento da paranóia com bruxas” (WOOLGER; WOOLGER, 1993, 126)

troca de confidências e experiências constituindo assim uma mistura de cumplicidade, refúgio e solidariedade. (ARAÚJO, 2017)

Ainda no dizer desse mesmo autor, as mulheres sabiam que os comportamentos considerados desviantes estariam sujeitos a severa punição. Contudo, no Brasil não se tem notícia de que alguma mulher tenha sido queimada, conforme queria a legislação civil. As penas aplicadas, à época, se restringiram a ameaças, repreensão e penitências espirituais. De acordo com esse autor, há relato de uma mulher que teria sido açoitada publicamente e degredada na capitania da Bahia. Ibid.

Todo o contexto relatado pelos historiadores, evidenciam que apesar de toda a repressão, havia mulheres que fugiam desses padrões impostos durante o período de colonização.

2.2 A FAMÍLIA BURGUESA

As grandes transformações que aconteciam no mundo, especialmente após a consolidação do capitalismo, influenciaram fortemente o modelo familiar no Brasil. D’Incao (2017) nos relata que, diferentemente da Europa, no século XIX, o Brasil ainda não dispunha de grandes centros urbanos, mas sim de grandes extensões rurais e também ainda prevalecia o sistema escravista. Conforme essa autora: “A chamada família patriarcal brasileira, comandada pelo pai detentor de enorme poder sobre seus dependentes, agregados e escravos, habitava a casa grande e dominava a senzala.” (D’INCAO, 2017, p.223)

De modo geral, especialmente no Rio de Janeiro, no final do século XIX e início do século XX, havia uma forte tendência a copiar os modelos europeus. Nesse contexto, cada vez mais se reforçava o ideal de mulher como mãe e esposa dedicada quase que integralmente. O papel principal das mulheres era cuidar da imagem do homem público perante a sociedade. De acordo D’Incao (2017), a literatura exerce um papel fundamental na disseminação da imagem feminina, notadamente, sua santificação como mãe, através do sofrimento.

Em cada Estado brasileiro a imagem do feminino assumia um contexto diferenciado. No sul do Brasil, por exemplo, segundo os relatos dos viajantes elas eram vistas como “mais sociáveis que as mulheres de outros lugares do país” (PEDRO, 2017, p.279). Seguindo o mesmo raciocínio infere que isso provavelmente estaria ligado à composição racial do Sul do Brasil e aos preconceitos raciais desses viajantes em relação à cultura da região.

Falci (2017) destaca que no Nordeste “se gestou uma sociedade fundamentada no patriarcalismo”(FALCI, 2017, p.242), ali surgiram, segundo ela, hierarquias rígidas, tendo:

“em primeiro lugar e acima de tudo o homem, o fazendeiro, o político local ou provincial, o culto pelo grau de doutor [...] Ser filha de fazendeiro, bem alva, ser herdeira de escravos, gado e terras era o ideal de mulher daquele sertão.”(FALCI, 2017, p.242)

De acordo com (FALCI, 2017) até mesmo as mulheres consideradas da elite ficavam restritas ao espaço doméstico. Também, salvo algumas exceções³, não tinham acesso à educação, algumas apenas aprendiam as primeiras letras do alfabeto e assinar o próprio nome. Por outro lado, os meninos tinham pleno acesso à cultura e à instrução.

Esses pequenos extratos da história brasileira nos dão um indício de como se deu o processo de construção social do feminino no Brasil. Pode-se afirmar que ainda hoje há resquícios desse modelo na sociedade brasileira. Todos esses fatos mostram a forte influência de aspectos psicológicos que atuaram de forma negativa na figura feminina desde o período colonial.

³ De acordo com a historiadora: “A primeira mulher brasileira a concorrer a uma cadeira da Academia Brasileira de letras era do sertão nordestino” Ela se refere a Amélia de Freitas, filha de um ilustre desembargador- José Manuel de Freitas- segundo ela Amélia de Freitas só se tornou conhecida por ter se casado com um homem de projeção, Clóvis Beviláqua, o autor do código civil brasileiro e também por ter residido na antiga capital- Rio de Janeiro.D’INCAO, op. cit., 251

3 SIMONE DE BEAUVOIR E A CONSTRUÇÃO DO FEMININO

Simone de Beauvoir, no livro “O Segundo Sexo”, desenvolveu um profundo estudo na tentativa de compreender as razões pelas quais o homem se colocou em posição de superioridade em relação à mulher. Seus estudos abordaram aspectos da biologia, da psicanálise¹ e da teoria do materialismo histórico. A frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” apresenta-se nessa obra como uma síntese de seu pensamento pois, para ela, esse “eterno feminino” não passa de uma construção social. (BEAUVOIR, 2016a, p.11)

Em uma entrevista concedida a TV francesa em 1975, Beauvoir afirmou que esse livro tinha a pretensão de ser apenas um estudo teórico mas que, posteriormente, foi utilizado como um trabalho militante, do qual ela mesma passou a fazer parte. Na mesma ocasião destacou que o papel social da mulher é resultado da história da própria civilização e também da história pessoal de cada uma, de acordo com a cultura em que está inserida. (SIMONE. . . , 1975)

Sua obra apresenta inúmeras facetas que ocorrem no processo de formação da mulher, as quais, no seu entendimento, funcionam como causas para a perpetuação desse papel que foi destinado a elas na sociedade. Dentre essas causas, assim como foi apontado pelos historiadores em relação à colonização brasileira, estão os aspectos religiosos. Nesse contexto, a mulher só era bem vista quando “se ajustava” aos padrões ditados pelo cristianismo:

O cristianismo, apesar de seu ódio à carne, respeita a virgem consagrada e a esposa casta e dócil. Associada ao culto, pode a mulher chegar a ter um papel religioso importante: a brâmane nas Índias, a flamínia em Roma são tão santas quanto seus maridos; é o homem que domina no casal, mas a união dos princípios masculino e feminino permanece necessária ao mecanismo da fecundidade, à vida e à ordem da sociedade. (BEAUVOIR, 2016b, p.117)

Conforme a autora reconhece, não foram apenas as questões religiosas que sedimentaram a cultura patriarcal no Ocidente. Ela enumera vários fatores que colaboraram para a perpetuação desse modelo: “O privilégio econômico detido pelos homens, seu valor social, o prestígio do casamento, a utilidade de um apoio masculino”. (BEAUVOIR, 2016b, p.196) De acordo com a filósofa, todos esses elementos impelem as mulheres a desejarem ardorosamente agradar aos homens.

De acordo com Beauvoir (2016a), toda essa dinâmica que envolve esse “eterno feminino” não existiria sem que houvesse a mediação de outrem. Desde o nascimento há uma preparação para que o menino alcance maior destaque na

¹ Simone de Beauvoir apresenta nessa obra algumas críticas à Psicanálise. De acordo com suas palavras: “Freud não se preocupou muito com o destino da mulher; é claro que calcou a descrição do destino feminino sobre o masculino, restringindo-se a modificar alguns traços” (BEAUVOIR, 2016b, 68)

sociedade. A partir da infância, segundo seus estudos, se iniciam os modelos distintos de educação e de tratamento que vão surtir diferenças ao longo da vida da mulher. Todavia, não há como deixar de considerar que essa modelação repercute no comportamento de ambos os sexos.

3.1 A INFÂNCIA

Conforme assinala Beauvoir (2016a), a condição feminina não seria um dado natural, ou uma essência, são elementos construídos historicamente. Durante os três ou quatro primeiros anos não há diferenças entre a atitude das meninas e dos meninos. Conforme a autora, a partir da fase do “segundo desmame”, começará a ter maior destaque a diferenciação na forma de tratamento. Nessa linha de raciocínio, ela destaca que os meninos passarão a ser estimulados a uma independência. As demonstrações de afeto mantêm-se mais em relação à menina. Todavia, para ela, essas exigências nada mais são que uma valorização do orgulho da sua virilidade masculina.

As diferenças anatômicas, são abordadas por Beauvoir sob o enfoque de vários autores. Apresenta crítica em relação à tese de alguns psicanalistas de que “a simples descoberta do pênis bastaria para engendrar um traumatismo”. Ter ou não ter um órgão sexual semelhante aos meninos, de acordo, com suas pesquisas, só se tornariam frustrante ou mesmo traumático em função de eventos secundários capazes de provocar tais efeitos na menina. Citando Adler ela confirma que “é a valorização efetuada pelos pais e pelo ambiente que dá ao menino o prestígio de que o pênis se torna a explicação e o símbolo, aos olhos da menina”. Id., 2016a, p.21-22

A importância que a ausência do pênis terá sobre o destino da menina, conforme a autora, refere-se à impossibilidade de projetar seus medos e suas frustrações em algo externo, tornando-se, assim, mais afetada pelos mistérios da vida que o homem. Noutra afirmação, o mesmo não ocorreria, com o menino pois este “é dotado de um órgão que se mostra e pode ser pegado”. Deste modo ele adquire a vantagem de projetar suas ameaças fora de si. Ibid., p.22

Beauvoir (2016a) defende que a boneca ofertada à menina, teria o condão de exercer o papel de “*alter ego*”. O menino não necessitaria desse reforço, pois já o possui em seu próprio corpo e, de acordo com a autora, “pode ousadamente assumir sua subjetividade; o próprio objeto em que se aliena torna-se um símbolo de autonomia, de transcendência, de poder (...)” BEAUVOIR, op. cit., p.22

A filósofa destaca também que a menina passa a exercer uma identificação com essa boneca, procurando assemelhar-se a uma imagem fantasia. Nessa mesma

linha de raciocínio assinala que essa identificação promove na menina o sentimento de narcisismo, de forma bastante precoce e “desempenha em sua vida de mulher um papel tão primordial, que pode ser considerado como emanção de um misterioso instinto feminino. “Ibid., p.23

De acordo com suas conclusões, não são as diferenças anatômicas que pesarão em suas atitudes na vida, tão pouco os brinquedos, de forma isolada, são determinantes para o comportamento de ambos. Beauvoir (2016a) enuncia que é na forma global de suas vidas, seja da menina ou do menino, que cada elemento assumirá sua importância. Tudo isso depende da forma como seus educadores e a sociedade vão atuar.

3.2 A JUVENTUDE

A adolescência se apresenta como um período de grandes mudanças, tanto no aspecto físico quanto psicológico, em função da puberdade. Beauvoir afirma que nessa fase “o universo inteiro é um fardo por demais pesado”(BEAUVOIR, 2016a, p.77). De acordo com ela, a partir dos 13 anos os meninos vão desenvolver a sua agressividade, seu gosto pelo poder e nesse exato momento a menina precisa abrir mão dos jogos brutais.

Para a autora, as diferenças biológicas, se constituem em um verdadeiro obstáculo em função da perspectiva em que a jovem as apreende. De acordo com seus estudos, boa parte dos incômodos são de origem mais psíquica do que propriamente de ordem fisiológica. Prosseguindo nessa linha, ela enuncia que as questões de ordem emocional que se apresentam por ocasião do período menstrual, quando não se caracterizam como algo patológico, em nada atrapalhariam as atividades da mulher. A superação dessa timidez, que se desenvolve nela desde a infância, necessitaria de um esforço por parte da própria jovem. Beauvoir (2016a)

Conforme pontuado pela mesma autora, nessa fase da vida, a jovem é muito mais exigida do que seus irmãos do sexo masculino no auxílio das tarefas da casa. De acordo com a autora, esse fato faz com que ela seja ultrapassada nos domínios intelectuais e artísticos. O jovem auferir muito mais vantagens nesse campo, pois são mais incentivados e possuem maior liberdade para avançarem em seus estudos e se aventurarem no mundo. A jovem, de acordo com ela, será muito mais vigiada e “não a encorajam em absoluto a escolher seus divertimentos, seus prazeres”. Beauvoir (2016a, p.81)

Desde muito jovem ela aprende que necessita acumular suas tarefas caseiras com a vida profissional. Em relação a esse aspecto, pode-se dizer que não houve

uma modificação substancial. Pesquisas mostram que as mulheres, de modo geral, ainda exercem a chamada dupla jornada. Segundo Ana Carolina Querino, Gerente de programas da ONU Mulheres:

“No Brasil, entre as mulheres ocupadas, 90% realizam afazeres domésticos, enquanto apenas 53% dos homens. As mulheres têm uma carga global de trabalho maior. Mesmo que dediquem menos horas ao trabalho produtivo, aquele que tem o conceito reconhecido economicamente, ela tem carga global maior porque dedica muito mais horas aos afazeres domésticos. (QUERINO, 2017/06 ago, p.32)

Pesquisas como essa demonstram que os fatos relatados por Simone de Beauvoir, apesar de muitos avanços, ainda se fazem presentes em nossa sociedade. O trabalho da mulher já se mostrou de extrema importância na construção de uma sociedade mais justa. Todavia, esses dados mostram que ele ainda é exercido de forma bastante desigual, quando comparado com o trabalho masculino.

A obra de Simone de Beauvoir é bastante rica e abordou inúmeros aspectos e várias fases da vida da mulher. A leitura nos permite inferir que “a suposta inferioridade feminina” é fruto de um período extenso na história da civilização que que usurpou da mulher a oportunidade de desenvolver-se em paralelo com o universo masculino. De acordo com a filósofa, a história é cheia de homens que se projetaram em variados campos porque a eles nunca foram negadas as oportunidades para suas realizações. Ela destaca que:

“Quando finalmente for assim possível a todo ser humano colocar seu orgulho além da diferenciação sexual, na glória difícil de sua livre existência, poderá a mulher__e somente então__ confundir seus problemas, suas dúvidas, suas esperanças com os da humanidade; somente então ela poderá procurar desvendar toda a realidade, e não apenas sua pessoa, em sua vida e suas obras. Enquanto tiver que lutar para ser um ser humano, não lhe é possível ser uma criadora”.(BEAUVOIR, 2016a, p.538-539)

A autora destacou que, a formação da mulher sempre se deu a partir da mediação de outrem e sempre com o intuito de preservação de um modelo em que ela não pertencia a mesma categoria dos homens. Para essa autora, a mulher era vista como um ser de outra espécie, o “Outro”. Todo o esforço na tentativa de compreensão desse fenômeno tinha como objetivo inserir a mulher na mesma categoria : a dos seres humanos.BEAUVOIR, op. cit.

4 A TEORIA JUNGUIANA

Após as questões que foram abordadas nos capítulos antecedentes, apresenta-se as reflexões com base na teoria analítica de Carl G. Jung. Contudo, aos que não estão ainda familiarizados com o pensamento deste autor, é necessário trazer uma breve apresentação e alguns conceitos chave:

Jung (1875-1961) nasceu em Kesswil, na Suíça, era filho de um pastor protestante. Formou-se em medicina em 1900, na Universidade da Basileia. Foi assistente e depois colaborador de Eugen Bleuler na Clínica Psiquiátrica de Zurique. Foi Colaborador próximo de Sigmund Freud, do qual se afastou mais tarde em razão de divergências teóricas.

Shamdasani (2015) afirma que a aproximação de Freud e Jung foi muito “mitologizada”:

“Uma legião ‘freudocêntrica’ surgiu, que via Freud e a psicanálise como a fonte principal do trabalho de Jung. Isso levou a uma compreensão completamente equivocada de seu trabalho na história intelectual do século XX”(SHAMDASANI, 2015, p.25)

Conforme este mesmo autor, (2015) Jung argumentava que já desenvolvera a sua teoria dos complexos muito antes de conhecer Freud.

Apesar de sua teoria ainda ser considerada por muitos como bastante controversa, Shandasani defende que há muita mistificação em torno disso. Jung, no dizer desse historiador teve um importante papel na formação da psicologia, da psicoterapia e da psiquiatria modernas.

Em relação aos conceitos formulados por Jung, pode-se dizer que a principal diferença se concentra no modo como o autor concebeu a estrutura do Inconsciente. De acordo com o autor, ela se constitui de inconsciente pessoal mais o inconsciente coletivo. Silveira (1997) define o inconsciente coletivo como “as camadas mais profundas do inconsciente, aos fundamentos estruturais da psique comuns a todos os homens.” (SILVEIRA, 1997, p.64)

O inconsciente coletivo seria uma espécie de herança comum a todos os indivíduos e, ao contrário do inconsciente pessoal, conforme Silveira (1997), ele “não consiste meramente em conteúdos capazes de se tornarem conscientes, mas em disposições latentes para reações idênticas”.Id., 1997, p.64

A compreensão desses conceitos na teoria analítica assume uma importância fundamental, na medida em que traz a possibilidade de se fazer comparações com temas míticos e símbolos, os quais são bastante explorados no processo de análise.

Não é novidade que Jung foi um grande estudioso de mitologia, do folclore e

da religião, além de tantos outros assuntos. Shamdasani (2015) acrescenta que “Para Jung, os mitos eram símbolos da libido e apresentavam seus movimentos típicos”. A esses mitos Jung, inicialmente vai denominar de imagens primordiais. Mais tarde esses fenômenos vão ser batizados de arquétipos.¹(SHAMDASANI, 2015, p.12)

Avançando um pouco mais, é preciso discorrer sobre os conteúdos do inconsciente, de acordo com as nomenclaturas atribuídas por Jung. Contudo, é necessário destacar que eles estão sendo apresentados de forma bastante resumida, apenas como um recurso para a compreensão do que foi apresentado neste trabalho. A obra de Jung é bastante extensa e de extrema complexidade. Nesse sentido não há como esgotar aqui todo o seu pensamento.

Apresenta-se três conceitos considerados chave para início de estudos. A compreensão desses conceitos possibilita uma iniciação no estudo dessa teoria. Além de Jung, vários autores já trabalharam na tarefa de explicar esses fenômenos, alguns deles serão apresentados a seguir.

4.1 ARQUÉTIPOS

Como podem ser identificados esses arquétipos? O que são eles? Muito do que se atribui à ideia de arquétipo não condiz com o verdadeiro pensamento de Jung. Silveira (1997) afirma que “Há ainda quem continue repetindo que Jung admite a existência de ideias e de imagens inatas”. Contudo, o que Jung afirmava incansavelmente, segundo ela, era que “arquétipos são possibilidades herdadas para representar imagens similares, são formas instintivas de imaginar”. (SILVEIRA, 1997, p.68)

Do mesmo modo, Nise afirma que os arquétipos:

- Resultariam do depósito das impressões superpostas deixadas por certas vivências fundamentais, comuns a todos os seres humanos, repetidas incontavelmente através de milênios. Vivências típicas, tais como as emoções e fantasias suscitadas por fenômenos da natureza, pelas experiências com a mãe, pelos encontros do homem com a mulher e da mulher com o homem, vivências de situações difíceis como a travessia de mares e de grandes rios, a transposição de montanhas etc.
- Seriam disposições inerentes à estrutura do sistema nervoso que conduziriam à produção de representações sempre análogas ou similares. Do mesmo modo que existem pulsões herdadas para agir de modo sempre idêntico (instintos), existiriam tendências herdadas para construir representações análogas ou semelhantes. Esta segunda hipótese ganha terreno nas obras mais recentes de Jung.(SILVEIRA, 1997, p.68-69)

¹ Foi em 1919 que pela primeira vez Jung fez uso do termo arquétipo, a fim de evitar qualquer sugestão de que era o conteúdo e não o esboço ou padrão inconsciente e irrepreensível que era fundamental. São feitas referências ao arquétipo per si para que fosse claramente distinguido de uma imagem arquetípica compreensível (ou compreendida pelo homem) Os arquétipos são percebidos em comportamentos externos ,especialmente aqueles que se aglomeram em torno de experiências básicas e universais da vida, tais como: nascimento, casamento, maternidade,morte e separação.(SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1988, 38)

É preciso compreender que o arquétipo não é algo apreensível, ele funciona, no dizer de Nise (1997) como “um nódulo de concentração de energia psíquica [...] Quando essa energia, em estado potencial se atualiza, toma forma, então teremos a imagem arquetípica”. Todavia não se pode confundir a imagem arquetípica com o arquétipo, pois, de acordo com a mesma autora “o arquétipo é unicamente uma virtualidade”.Ibid., p.69

A autora Jolande Jacobi apresenta a seguinte definição:

Os conteúdos arquetípicos acompanham a estrutura psíquica do indivíduo na forma de possibilidades latentes, bem como de fatores tanto biológicos como históricos. Cada arquétipo é sempre atualizado de acordo com a vida exterior e interior do indivíduo e, ao receber forma, aparece na frente da câmera de consciência, ou como diz Jung, é “representado” diante da consciência.(JACOBI, 2016, p.46)

Essas definições, a princípio, são bastante difíceis de compreender pois estamos falando de conteúdos que não se apresentam de modo muito claro. Todavia, para lidar e reconhecer conteúdos que emanam do inconsciente é preciso treinamento e bastante estudo. Jung, desenvolveu esses conceitos a partir do estudo e observação de vários fenômenos, conforme já explanado.

Uma das formas utilizadas na compreensão de toda essa dinâmica é a observação e a análise dos sonhos. Os sonhos apresentam conteúdos e imagens que na maioria das vezes não compreendemos o significado. A teoria junguiana explica que os sonhos são carregados de imagens arquetípicas.

4.1.1 SÍMBOLO

Conforme explicado anteriormente, os fenômenos do inconsciente não se apresentam de modo muito elucidativo. Através dos sonhos nos deparamos com muitas imagens que não encontram em nosso mundo exterior uma explicação muito lógica, ao menos de imediato. Também não é possível desvendar todo esse mecanismo a partir de um conceito visto de forma isolada. Deste modo, eles devem ser conjugados para que se compreenda o processo psíquico como um todo. Conforme alertado por Nise da Silveira (1997), “Nem toda imagem arquetípica é um símbolo por si só”Ibid., 71

O conceito de símbolo adota na teoria junguiana um aspecto bastante peculiar, na medida em que ele se distingue do modo como outras teorias o abordam. Jacobi (2016) define o símbolo de uma maneira bastante didática. Segundo ela “o ‘arquétipo *per se*’ é essencialmente energia concentrada, mas o símbolo lhe acrescenta o modo

de manifestação pelo qual o arquétipo se torna discernível“(JACOBI, 2016, p.92) Deste modo, a manifestação do arquétipo se apresenta através de símbolos, ou seja, de forma indireta.

A diferença entre arquétipo e símbolo é que este último já está manifesto através de imagens, ao passo que o arquétipo, quando ainda inconsciente, só é passível de alguma afirmação por “inferência”. A autora destaca que esse fato se constitui como uma das causas de rejeição desse fenômeno por parte de muitos psiquiatras e psicoterapeutas, pois, entre estes “ainda opera a crença de que somente o que pode ser apreendido pelos sentidos é ‘real’ e pode formar a base de uma afirmação científica”. Cf. JACOBI, 2016, p.93

O conceito de símbolo, muitas vezes é facilmente confundido com os conceitos de signo² ou de alegoria³. O símbolo ao qual interessa a psicologia Junguiana é aquela imagem carregada de significados e de certa forma inesgotável. Jung⁴, *apud* Jacobi, enuncia que a expressão simbólica é aquela que se traduz “como a melhor formulação possível de algo relativamente desconhecido, não podendo, por isso mesmo, ser representada mais clara ou caracteristicamente, é simbólica”. (JACOBI, 2016, p.97)

Esse conceito também se apresenta de modo diferenciado quando comparado à escola freudiana. De acordo com Silveira (1997):

“As representações disfarçadas de conteúdos reprimidos no inconsciente são símbolos para os freudianos e apenas sinais para os junguianos. Freud afirma que a simbolização surge como resultado do conflito entre a censura e as pulsões reprimidas, enquanto Jung, em vez de ver na atividade formadora de símbolos o resultado de conflitos, vê uma ação mediadora, uma tentativa de encontro entre opostos movida pela tendência inconsciente à totalização.”(SILVEIRA, 1997, p. 72)

A outra distinção importante feita pela teoria junguiana, em relação ao símbolo, encontra consonância com a formulação do conceito de inconsciente coletivo. De acordo com essa teoria, os símbolos não podem ser vistos de forma reducionista, ligados apenas à vida pessoal do indivíduo. Nise acrescenta que: “na concepção junguiana, é uma linguagem universal infinitamente rica, capaz de exprimir por meio de imagens muitas coisas que transcendem as problemáticas específicas dos indivíduos”*Ibid.*, p.72

Não há como falar do símbolo, portanto, sem reconhecer a importância que a imagem adquire na psicologia junguiana. Ela assume um elevado *status*, na

² “Figuras sintéticas, substitutivas de coisas conhecidas, não são símbolos—são sinais. Exemplo: asas estampadas no quepe dos aviadores”(SILVEIRA, 1997, p.71)

³ “Representações figuradas de objetos ideais ou materiais não são símbolos— são alegorias. Exemplo: a Justiça representada por uma mulher de olhos vendados.”*Ibid.*, p.71

⁴ Jung (2013, p.487)

medida em que é através dela que a psique se mostra ao mundo externo. Carlos Bernardi⁵ explicou que o psiquismo quando se apresenta por meio de imagens não pode ser visto de forma conceitual pois, conforme ele descreve: “ A expressão do psiquismo não é da ordem conceitual, mas de uma ordem tropológica, ou seja, são metáforas e metonímias, não havendo uma identidade entre imagem interna e referente externo.”(BERNARDI, 2008, p. 82)

A beleza do símbolo está justamente no seu enigma. Ele é inesgotável e possibilita àquele que o experimenta uma série de questionamentos capazes de lhe proporcionarem uma verdadeira reflexão e funcionam como um mecanismo de compensação.

4.1.2 COMPLEXO

Finalmente apresenta-se o conceito de complexo. Ele foi desenvolvido por Jung após suas experiências no Hospital Burgholzli, cujo diretor na época, por volta de 1911, era o renomado Eugen Bleuler. Essas experiências, conforme Nise da Silveira (1997) tinham o objetivo de “dar à psiquiatria uma base psicológica, do mesmo modo que a medicina interna tinha seus fundamentos na fisiologia”. (SILVEIRA, 1997, p.25)

Foi a partir dos experimentos com a associação de palavras que Jung percebeu, através das reações dos pacientes, que as palavras denominadas “indutoras” algumas vezes eram capazes de atingir um conteúdo emocional oculto no íntimo daquele que estava sendo examinado. Essas palavras ativavam conteúdos inconscientes. A esse conteúdo Jung deu o nome inicialmente de “complexos afetivos” e, posteriormente, complexos.

Silveira (1997) os define como:

agrupamentos de conteúdos psíquicos carregados de afetividade. Compõem-se primariamente de um núcleo possuidor de intensa carga afetiva. Secundariamente estabelecem-se associações com outros elementos afins, cuja coesão em torno do núcleo é mantida pelo afeto comum a seus elementos. Formam-se assim verdadeiras unidades vivas, capazes de existência autônoma. Segundo a força de sua carga energética, o complexo torna-se um ímã para todo fenômeno psíquico que ocorra ao alcance de seu campo de atração. (SILVEIRA, 1997, p.30)

Esses elementos são capazes de interferir na vida do indivíduo, independentemente de sua vontade consciente. Todavia, a Dra. Nise destaca que apesar dessa interferência, “na psicologia junguiana os complexos não são, por essência, elementos patológicos”, muitas vezes eles dão indícios de que há algo conflitivo

⁵ Carlos BERNARDI (1955/2018), Doutor em Literatura Comparada, Psicólogo Clínico, Professor do curso de pós-graduação Lato Sensu “Psicoterapia Junguiana, Arte e Imaginário”, PUC-Rio

e inassimilado. Nesse aspecto, é importante torná-los consciente pois podem ser objeto de impulso a novas possibilidades de realização na vida do indivíduo. De acordo com ela, eles só se tornariam patológicos “quando sugam para si quantidades excessivas de energia psíquica”.Ibid., p.31

Ao apresentar uma evolução nesse conceito, Jung vai reconhecer que os complexos possuem estreita ligação com os arquétipos. Para ele haveria sempre uma ligação entre as vivências pessoais e as grandes experiências da humanidade. Nise nos apresenta como exemplo o conhecido complexo de mãe: “sob a trama do complexo mãe, com suas múltiplas implicações individuais, vislumbra-se o arquétipo mãe”. Ela destaca que é desse arquétipo “que emana o poder fascinante e o mistério que tantas vezes envolve o complexo mãe individual e que tanto dificulta sua assimilação”. Ibid., p.33

A psicologia analítica busca compreender o processo psíquico de uma forma que transcende a história pessoal do indivíduo. Jung considera a importância da infância e da educação, todavia, os casos que se lhe apresentavam nem sempre continham explicações baseadas apenas na vida pessoal ou no histórico de vida do indivíduo. É nesse contexto que se busca compreender a história do homem e da mulher ao longo dos tempos.

Esses conceitos nos permitem trazer uma reflexão sobre o processo de colonização brasileiro, especialmente no que tange ao papel da mulher e fazer uma análise sobre o pensamento de Simone de Beauvoir a respeito da construção do feminino.

4.2 O ARQUÉTIPO DA ANIMA

Há vários arquétipos atuantes no psiquismo humano, todavia a compreensão sobre a influência da *anima* assume uma importância especial neste trabalho pois se trata do arquétipo do feminino. Segundo Jung, este seria o componente feminino da personalidade do homem. Na mesma linha, este autor apresenta o *animus* como o arquétipo do masculino que atuaria na personalidade feminina. De acordo com Samuels, esses arquétipos funcionam como um elemento oposto e atuam de forma bastante inconsciente. (SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1988, p.35) enuncia que eles são “benéficos à consciência , mas também podem pô-la em risco através da possessão.”

(SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1988) assinalam que esses arquétipos foram representados ao longo da história da humanidade através de muitas formas e figuras coletivas. São comumente citados na mitologia e nos contos de fadas. A *Anima* geralmente é representada pelas deusas mitológicas Atená, Afrodite, Deméter, Ártemis e tantas outras, como também nas personagens retratadas em vários contos

como: A Bela Adormecida, A Pequena Sereia, Branca de Neve etc.

- Jung destacou que, jamais devemos nos esquecer que estamos lidando com realidade psíquicas que nunca foram apropriadas pelo homem pois se mantinham fora de seu âmbito psíquico, sob a forma de projeções. Segundo ele, a *anima* oculta-se na figura da mãe dominadora para o homem moderno e na figura da deusa ou bruxa para o homem da antiguidade. (JUNG, 2014)

Como exemplo da atuação desse arquétipo, o autor Roberto Gambini, a partir da análise das cartas jesuíticas, nos mostra que o período de colonização brasileiro germinou em nosso território uma cultura misógina que já fazia parte do Continente europeu nos séculos XVI e XVII. Os primeiros visitantes e os jesuítas que aqui desembarcaram trouxeram consigo, uma relação nada amistosa com o arquétipo da *anima*.

Uma porta é fechada à anima, impedindo-a de participar criativamente da vida psíquica, mas isso não significa que ela desapareceu. Muito pelo contrário, atuando destrutivamente por trás dos bastidores pelo fato de ter sido negada, ela encontra uma brecha pela porta dos fundos, ou seja, permanece em estado inconsciente e torna-se o fator básico da produção de projeções. (GAMBINI, 1988, p.176-177)

Deste modo, as projeções feitas pelos primeiros colonizadores sobre a figura das índias dão indícios de uma atuação nada amigável com o arquétipo da *anima*. Jung, em seus estudos sobre a relatividade do símbolo, destacou que essas projeções têm origem na transferência do culto à mulher que era feito pelos gnósticos para o símbolo cristão da veneração de Maria:

O cristianismo oficial absorveu uma vez mais os elementos gnósticos que se manifestaram na psicologia do culto à mulher e lhes deu um lugar na veneração intensificada de Maria.[...] Com esta assimilação ao símbolo cristão em geral perdeu-se, inicialmente, uma cultura espiritual do homem que germinava no culto à mulher. Sua alma, que se exprimia na imagem da senhora por ele escolhida, perdeu sua expressão individual nesta transferência para o símbolo em geral. (JUNG, 2013, p.249)

De acordo com Jung (2013), essa transferência da expressão individual do culto à mulher para a esfera do coletivo ativa no inconsciente masculino expressões arcaico-infantis e se projetam no objeto. De acordo com essa teoria, esses conteúdos reprimidos ao emergirem o fazem geralmente de forma inadequada.

Esse arquétipo é dotado tanto de características negativas quanto positivas, todavia, a predominância de um ou de outro desses aspectos vai depender da relação que se forma com ele. No que tange às qualidades, Emma Jung, destaca que também podem ser identificadas nas mulheres. De acordo com essa autora isso se deve aos fatores biológicos que proporcionam a elas a qualidade de serem, em geral,

mais naturais que o homem, o que faz com que demonstrem de modo mais claro um comportamento correspondente. Isso se dá quando “elas correspondem tão exatamente à feminilidade inconsciente no homem”(JUNG, 2006, p.76)

4.3 O FEMININO NA TEORIA ANALÍTICA

Inicialmente, é preciso destacar que praticamente todas as teorias psicológicas de um modo geral foram construídas no período de intensa repressão ao feminino. Diante desse cenário, o olhar que se tinha sobre a psique feminina foi preponderantemente influenciado pelo pensamento e pela subjetividade masculinas. Até mesmo as poucas mulheres que estudavam o tema se restringiam a abordá-lo sob essa ótica.

A teoria junguiana se constituiu como uma rica fonte de elementos que auxiliam enormemente essa tentativa de decifrar os mistérios da mente humana. Conforme já destacado, Jung foi um teórico que avançou um pouco mais nos conceitos já existentes por volta do século XIX inovando ao formular o conceito de inconsciente coletivo. Contudo, assim como os demais estudiosos da época, o autor não deixou de submeter-se à influência da cultura patriarcal. De todo modo, a despeito de ter sofrido inúmeras críticas, ele assinalou as consequências decorrentes da repressão do aspecto feminino feita pelo cristianismo.

As questões abordadas no primeiro capítulo de certa forma enunciam que sua tese em muito contribuiu para a compreensão de como esse inconsciente coletivo, construído durante mais de dois mil anos, pautou a formação das sociedades patriarcais. Conforme assinala Jung (2013), aspectos inconscientes geralmente afloram e, dependendo da forma como foram reprimidos ao longo do tempo, podem surgir de forma bastante sombria. Deste modo, não é difícil compreender as projeções negativas que foram lançadas sobre as mulheres ao longo do processo histórico.

No entanto, autoras mais modernas, muito embora reconheçam a riqueza de sua teoria, lançaram um novo olhar sobre alguns conceitos. Jean Shinoda Bolen, a partir de suas experiências no atendimento de pacientes, percebeu que o conceito de *anima/animus* merecia algumas adaptações. Conjugando a teoria analítica de Jung com o estudo dos arquétipos das deusas gregas, a autora criou, segundo suas palavras, “uma nova tipologia e também um meio de compreender os conflitos intrapsíquicos”(BOLEN, 2007, p.32)

Compreender o feminino nunca foi uma tarefa muito fácil. De acordo com sua tese, o estudo das características dessas deusas “proporcionam uma explicação para as incompatibilidades entre o comportamento das mulheres e a teoria dos tipos psicológicos de Jung”, especialmente em relação às exceções apontadas nessa

tipologia Id., 2007, p.32

De acordo com Bolen (2007):

as mulheres são influenciadas por poderosas forças interiores, os arquétipos, que podem ser personificados pelas deusas gregas. E a perspectiva feminista me deu a compreensão de como as forças exteriores, ou estereótipos__papéis com os quais a sociedade espera que as mulheres se conformem__ reforçam alguns padrões de deusas e refreiam outros. (BOLEN, 2007, p.25)

Para Bolen o arquétipo das deusas gregas funcionam como representantes da *anima* e o conhecimento de suas características possibilitam, conforme seu estudo, trazer uma nova compreensão sobre o feminino.

4.3.1 ARQUÉTIPOS DAS DEUSAS

A mitologia grega possui muitas deusas, porém Bolen (2007) escolheu apenas sete, consideradas por ela essenciais para a compreensão das influências sobre o psiquismo feminino. As eleitas para o estudo foram: Ártemis, Atenas⁶, Héstia, Hera, Deméter, Perséfone e por último a deusa Afrodite.

O arquétipo dessas deusas é um importante paradigma de estudo da psicologia aplicada ao feminino, pois, conforme a autora, elas também viviam numa sociedade patriarcal, governadas pelos deuses e, nesse contexto, lhes cabia ajustar-se a essa realidade. Ibid., p.48

Conforme observações feitas pela autora em sua rotina de atendimento,⁷ uma mulher pode apresentar padrões de mais de uma dessas deusas. Segundo ela, isso ocorre quando a mulher “muda de conduta”. Tal faceta pode ser observada em ambientes que lhes exijam uma postura diferente de seu padrão habitual. Jung, *apud* Bolen concordava que “Essa mudança explica a dificuldade de se determinar o tipo dela segundo Jung, pois a mulher tem muitas facetas”. Ibid., p.33

Analisando algumas afirmativas de Beauvoir, citadas anteriormente, pode-se afirmar que a “construção do feminino”, encontra ressonância em alguns aspectos enunciados por Bolen. As expectativas que a família cria em relação à criança, de acordo com esta autora, pode reforçar alguns padrões inerentes a determinadas deusas. Conforme ela escreve:

“uma filha que sabe o que quer e espera ter os mesmos privilégios e oportunidades que seus irmãos poderia ser chamada de ‘teimosa’, mas ela está sendo apenas a persistente Ártemis

⁶ Utiliza-se o nome conforme mencionado na tradução brasileira, porém, de acordo com estudos feitos por Junito de Souza Brandão, o nome *Atená* aparece em inscrições do século VI a.C. (BRANDÃO, 2014, p.90)

⁷ Jean Shinoda Bolen é doutora em medicina, psiquiatria e analista junguiana. Foi também analista supervisora do Instituto C.G.Jung, em São Francisco.

ou poderia ser convidada a 'agir como uma menina', embora esteja apenas mostrando o lado masculino de Atenas"(BOLEN, 2007, p.52)

Bolen (2007) relata que a aprovação ou desaprovação de determinado padrão de deusa que a família observa na criança não fazem com que esse padrão seja modificado. Todavia, no caso de desaprovação, o que ocorre, segundo ela, é que a garota vai começar a se sentir desconfortável com seus traços e, dessa maneira, passa a se sentir inautêntica quando aceita seguir os padrões opostos ao seu. Ibid., p.53

As sociedades patriarcais, de acordo com a autora, aceitam com facilidade os padrões "da jovem (Perséfone), da esposa (Hera) e da mãe (Deméter). Afrodite, por outro lado, não é bem aceita por ser considerada, "a prostituta" ou "a sedutora". Ibid., p.54

A autora subdividiu o arquétipo das deusas gregas em grupos, de acordo com as categorias predominantes de cada uma delas. Deste modo, o que precisa ser observado, tanto na criança, quanto na jovem são esses aspectos. Sob essa ótica, a mulher que possui o domínio das chamadas "deusas virgens"⁸, que são Ártemis, Atenas ou Héstia, será motivada pelos valores a serem seguidos, independentemente do que os que estão ao seu redor vão pensar. Isso se dá, de acordo com Bolen (2007) em função da qualidade de determinação inerente à essas deusas.

Muitas vezes, o padrão dessas deusas mencionadas é visto como "um comportamento masculinizado". Pode-se dizer que tudo isso é fruto desse processo cultural em que predominou o pensamento masculino. Conforme assinala a autora, mulheres que incorporam esses padrões de uma forma autêntica e bastante ativa não podem ser estereotipadas. Nesse mesmo contexto, argumenta que ela "Não está sofrendo de um complexo de masculinidade, como diagnostica Freud; e não se trata de identificação com o *animus* e de ser masculina em sua atitude, como sugere Jung"(BOLEN, 2007, p.73)

Muito embora a autora tenha se baseado na teoria dos arquétipos de Jung, ela nos apresenta algumas discordâncias, especialmente quanto aos arquétipos *animus/anima*. O ponto de divergência se concentra mais nos arquétipos das deusas virgens, pois, segundo ela, as demais deusas "exaltam mais o padrão de Jung". Id., 2007, p.77

Em linhas gerais, os aspectos que se observam nas mulheres que possuem os padrões dessas deusas virgens, segundo essa abordagem, estão vivenciando um arquétipo feminino e não o "animus" masculino, como defendia Jung. A autora

⁸ De acordo com Bolen: "O aspecto da deusa virgem é o da mulher que não pertence ou 'é impenetrável' ao homem__que não é afetada pela necessidade de um homem ou pela necessidade de ser aprovada por ele, que existe completamente separada dele, em seu próprio direito. Quando a mulher está vivendo um arquétipo de virgem, isso significa que um aspecto significativo seu é psicologicamente virginal, e não que ela seja fisicamente ou literalmente virgem."(BOLEN, 2007, 63)

descreve Ártemis, por exemplo, como a autêntica representante do arquétipo do movimento feminista. Cf. BOLEN, 2007, p.73 e 83

De acordo com Bolen (2007), a deusa Héstia representa o arquétipo ativo nas mulheres que apreciam o cuidado com a casa e não encaram isso como uma simples tarefa mas como uma atividade bastante significativa. Sob esse enfoque, não há como se admitir que a mulher nessa condição seja sempre uma pessoa insatisfeita e frustrada, há forças interiores que lhe proporcionam prazer na execução dessas atividades, ou dessa opção. De acordo com a autora, padrões da deusa Héstia são comumente encontrados em comunidades religiosas, especialmente nas que cultivam o silêncio.

Atenas, pode ser encontrada em carreiras bem sucedidas e, conforme a autora, quando jovens são interessadas em consertar coisas, interessam-se por computação pois possuem pensamento linear e claro, dando especial atenção aos detalhes. Deste modo, a predominância desses padrões enuncia mais uma vez o arquétipo do feminino e não o do *animus* masculino.

A deusa Hera, pode ser facilmente identificada nas mulheres que apreciam o casamento e fazem do marido o centro da sua vida. Quando criança, por volta dos 4 ou 5 anos, apreciam o brincar de casinha, incorporando o papel da perfeita dona de casa. Em contraste, as meninas “Deméter” —que representam o arquétipo da mãe—, empenham-se em cuidar da boneca com especial carinho.(BOLEN, 2007, p.211)

Conforme a autora assinala, a mulher tipo Hera tem filhos em razão destes fazer parte de seu papel enquanto esposa, porém não possui muito instinto materno, salvo se também tiver influência de Deméter. Quando jovem, essas mulheres sentem-se mais confortáveis ao vivenciar um relacionamento mais sério.Ibid., p.212

As características encontradas nas mulheres cujo padrão mais ativo é o da deusa Pérsefone, de acordo com a autora, são a jovialidade, muitas vezes parecendo mais jovem do que sua idade real, são também bastante maleáveis, deixando-se levar pelos outros, Bolen a descreve como “complacente na ação e passiva na atitude”.(BOLEN, 2007, p.277) De acordo com a autora ela representa a autêntica “mulher *anima*”.

Conforme Harding⁹, *apud*, Bolen (2007) Mulheres sob a influência do arquétipo de Perséfone, possuem uma receptividade inata o que faz com que facilmente estejam sujeitas a receber a “projeção da imagem inconsciente da mulher no homem”¹⁰ (*anima*) e inconscientemente se amolda à imagem“ (BOLEN, 2007, p.280)

⁹ M.Esther Harding, “All Things to All Men”, in The Way of All Women, Putnam’s, New York, para a C.G.Jung Foundation for Alalytic Psychology, 1970,p.4,

¹⁰ Essa assertiva confere com a afirmação feita no estudo de Emma Jung, conforme citado anteriormente. Porém, pelo que inferimos do estudo feito por Shinoda Bolen, tal ocorrência não se daria em todos os padrões de deusas.

Finalmente, a deusa Afrodite, muito reverenciada pela antiga religião grega, não foi bem aceita durante o processo de civilização ocidental, conforme já mencionado. Ela representa um arquétipo dotado de grande força interior. Bolen (2007) a define como “A deusa alquímica”, uma vez que possui grande poder de transformação. A autora assinala que, embora Afrodite possua também algumas características das demais deusas, não pode ser simplesmente incluída em nenhum grupo, pois “Como deusa que teve a maior quantidade de ligações sexuais, Afrodite não foi definitivamente uma deusa virgem” Ibid., 310

Essa característica possivelmente foi a responsável pelo horror ao corpo e a sexualidade incutidos pela religião cristã. Porém, conforme Bolen (2007), o que diferencia esse arquétipo das demais deusas é a sua qualidade de consciência que se apresenta como “as luzes da ribalta”. Tal aspecto permite viver experiências de uma forma muito especial. Deste modo, “O que vemos na luz dourada da consciência de Afrodite torna-se fascinante: um rosto de pessoa ou seu caráter, uma ideia sobre a natureza do universo, ou a translucidez e forma de uma tijela de porcelana” Ibid., 313

Tal característica é também responsável pelos dons da criatividade e comunicação, o que, conforme destacado pela autora, proporciona uma verdadeira interação entre o artista e sua obra.¹¹

Além disso, o arquétipo de Afrodite propicia também a capacidade de ser “portadora de visão”. Mulheres com essa qualidade contribuem para que o homem acredite em seus sonhos e consiga realizar seus ideais. Quando bem aceita, Afrodite torna-se verdadeira aliada do sexo oposto, pois conforme a autora destaca, ambos os sexos precisam imaginar que seu sonho é possível, porém necessitam de alguém que “olhe para eles e para seus sonhos com a consciência vivificante de Afrodite” Ibid., p.318

O estudo da teoria junguiana sob uma ótica feminina mostra que, para além dos estereótipos que são incutidos sobre a figura da mulher, há forças poderosas incidindo sobre seu psiquismo. Algumas mulheres adquirem plena consciência e enfrentam os desafios de ser mulher em uma cultura predominantemente patriarcal. Todavia, por serem processos que atuam de modo bastante inconsciente, nem todas alcançam seus ideais e se colocam em posição de extrema passividade.

¹¹ Bolen acrescenta que: “Embora Jung não visse as mulheres como inerentemente defeituosas, ele as via como inerentemente menos criativas e menos capazes do que os homens de serem objetivas ou de agirem como os homens[...] por exemplo, em relação à criatividade ele via os homens como criadores e via as mulheres como assistentes no processo criativo dos homens”(BOLEN, 2007, p.72)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os anseios espirituais e sexuais que nos levam a questionar nossas instituições religiosas e nossos padrões de relacionamento não são impostos de fora. Essa agitação que as mulheres- e, de maneira diferente, também os homens- vêm sentindo tão intensamente nasce, por certo, dentro de cada um de nós. Pode um dia levar a movimentos sociais e políticos, mas é inicialmente vivenciada como pressões internas compulsivas (WOOLGER; WOOLGER, 1993, p.14)

A partir de vários movimentos feitos por mulheres observa-se que muitos dos padrões sedimentados pela religião foram superados. Não se pode afirmar que as conquistas foram fáceis, pois ainda hoje a mulher luta para conquistar sua igualdade enquanto ser humano. Especialmente no Brasil, ainda há muito a ser conquistado, uma vez que, em função das peculiaridades ocorridas durante o processo de colonização, a situação da mulher apresenta diferenças de um Estado para outro.

Os relatos apresentados por Simone de Beauvoir evidenciaram que, ao longo da história da civilização, o denominado “eterno feminino” foi fruto de uma construção social, pautado em uma cultura patriarcal. De fato, há toda uma construção de padrões esperados da mulher. Todavia, o que se observa, a partir de uma ótica da psicologia analítica, é que eles refletem conteúdos sedimentados há mais de dois mil anos no inconsciente coletivo.

Convém notar que, a modernidade traz evidências de que já está havendo um movimento de forças capazes de quebrar muitos padrões do passado. Conforme enunciado por Jacobi (2016) “Cada arquétipo é sempre atualizado de acordo com a vida exterior e interior do indivíduo e, ao receber forma, aparece na frente da câmera de consciência”(JACOBI, 2016, p.46)

Woolger e Woolger (1993) descreve esses acontecimentos como um verdadeiro despertar da consciência, segundo ela:

As mudanças que vivenciamos nos últimos cem anos- o freudianismo, o amor livre, os casamentos abertos, a epidemia pornográfica, as exigências para se facilitar o divórcio- não podem ser atribuídas a um único evento, e são difíceis de explicar ou justificar: são ao mesmo tempo sintomas e causas da contínua transformação de nossos hábitos e tradições sexuais.(WOOLGER; WOOLGER, 1993, p.13)

É importante notar que os aspectos do feminino reprimidos ao longo da civilização emergem com toda a força. Contudo ainda há uma forte oposição a uma convivência saudável em relação a sexualidade.

Com relação à formação do feminino, muito do que foi relatado nos estudos feitos por Simone de Beauvoir encontram ressonância com o estudo dos arquétipos das deusas gregas. Contudo, conforme enunciado pelas autoras junguianas, há várias deusas em cada mulher. A resposta sobre o que é ser mulher poderia ser substituída

por : Qual padrão de deusa está atuando? O conhecimento dessas forças atuantes sobre a psique proporcionam às mulheres, de acordo com Bolen “ um meio de conhecerem a si próprias, conhecerem seus relacionamentos com homens e mulheres, com seus pais, namorados e filhos”(BOLEN, 2007, p.21)

O estudo dos padrões arquetípicos das deusas demonstra que as mulheres podem ser influenciadas por um ou mais desses padrões, o que lhes confere a possibilidade de “mudanças de conduta” ao longo da vida. Deste modo, não há como se afirmar que todas as mulheres se sintam submissas por exercerem o cuidado com a casa, ou que sejam masculinizadas quando se tornam uma competente executiva, ou mesmo que sejam fúteis ao se identificarem com a atriz do cinema. Conforme demonstrado, a mulher só se sentirá inautêntica quando a família ou mesmo os padrões sociais lhe exijam adotar uma postura oposta àquela com a qual ela mais se identifica.

De igual modo, ficou demonstrado também que a repressão da *anima* ocasiona sobre o psiquismo masculino perigosas projeções sobre a figura feminina. Nos dias atuais é possível perceber esse processo na mídia e nas notícias impressas. Para o homem, lidar com esse processo de conscientização que vem ocorrendo na sociedade torna-se bastante difícil. Muitos se sentem fragilizados com esse despertar do feminino reprimido ao longo de mais de dois mil anos.

O estudo em questão possibilitou um aprofundamento de alguns conceitos e também o conhecimento de fatos ligados à formação social, mais focado sobre a figura feminina. Neste sentido, entende-se que somente através de um processo de conscientização por parte dos seres humanos torna-se possível que alcancemos uma sociedade mais justa e igualitária.

Finalmente, pode-se concluir que a teoria junguiana é uma fonte inesgotável na busca pela compreensão do ser humano. Este trabalho abordou apenas alguns aspectos dessa teoria com vistas a trazer uma nova discussão acerca do feminino. A conjugação da história do Brasil com a obra de Simone de Beauvoir, propiciaram a percepção de que a construção desse feminino é um processo que guarda bastante semelhança em épocas e lugares diversos. Não há como deixar de considerar a influência dos aspectos sociais, pois já não há dúvida quanto ao peso que exercem na formação do indivíduo. Todavia, também não há como deixar de observar os aspectos psíquicos que emergem com tal força que são capazes de promover verdadeiras mudanças políticas e sociais. Esses fatos corroboram a tese formulada por Jung acerca do Inconsciente Coletivo e da poderosa força dos arquétipos.

Referências

- ARAÚJO, E. *História das Mulheres no Brasil*. [S.l.]: CONTEXTO, 2017. Citado 3 vezes nas páginas 12, 14 e 15.
- BEAUVOIR, S. de. *O Segundo Sexo: A experiência vivida*. 3. ed. Rio: Nova Fronteira, 2016. v. 2. Citado 6 vezes nas páginas 8, 9, 17, 18, 19 e 20.
- BEAUVOIR, S. de. *O Segundo Sexo : Fatos e mitos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 1. Citado 2 vezes nas páginas 11 e 17.
- BERNARDI, C. Cine Imaginarium- Imaginário e estética: da arte de fazer psicologia, comunicação e cinema. In: _____. Rio de Janeiro: PUC-Rio: FAPERJ, 2008. Organizador: Álvaro de Pinheiro Gouvêa. Citado na página 25.
- BOLEN, J. S. *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2007. Citado 6 vezes nas páginas 28, 29, 30, 31, 32 e 34.
- BRANDÃO, J. de S. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1986. I. Citado na página 11.
- BRANDÃO, J. de S. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 2014. Citado na página 29.
- CAMPBELL, J. *Mito e Transformação*. [S.l.]: Ágora, 2008. Citado na página 9.
- D'INCAO, M. A. *História das Mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2017. Citado 2 vezes nas páginas 15 e 16.
- FALCI, M. K. *História das Mulheres no Brasil*. 10. ed. [S.l.]: Contexto, 2017. Citado 2 vezes nas páginas 15 e 16.
- GAMBINI, R. *O Espelho Índio: os jesuítas e a destruição da alma indígena*. Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo Ltda, 1988. Citado 3 vezes nas páginas 12, 13 e 27.
- JACOBI, J. *Complexo, Arquétipo e Símbolo*. Petrópolis: Vozes, 2016. Citado 3 vezes nas páginas 23, 24 e 33.
- JUNG, C. G. *Tipos Psicológicos*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. v. 6. Citado 3 vezes nas páginas 24, 27 e 28.
- JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. Citado na página 27.
- JUNG, E. *Animus e Anima*. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. Citado na página 28.
- PEDRO, J. M. *História das Mulheres no Brasil*. 10. ed. [S.l.]: Contexto, 2017. Citado na página 15.
- QUERINO, A. C. Mulheres têm carga global de trabalho maior. *Jornal O Globo*, p. 32 – 32, 2017/06 ago. Citado na página 20.
- RAMINELLI, R. *História das Mulheres no Brasil*. 2017. ed. São Paulo: Contexto, 2017. Citado 4 vezes nas páginas 8, 9, 11 e 12.

- SAMUELS, A.; SHORTER, B.; PLAUT, F. *Dicionário Crítico de Análise Junguiana*. Rio de Janeiro: Imago Ltda, 1988. Citado 2 vezes nas páginas 22 e 26.
- SHAMDASANI, S. O Livro Vermelho: edição sem ilustrações/C.G.Jung. In: _____. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. cap. Introdução. Citado 2 vezes nas páginas 21 e 22.
- SILVEIRA, N. da. *Jung Vida e Obra*. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Citado 5 vezes nas páginas 11, 21, 22, 24 e 25.
- SIMONE de Beauvoir- Porque Sou Feminista. 1975. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J-F2bwGtsMM&list=LLL1qO_RCvoZ7Uae4FPW9K3w>. Acesso em: 13/07/2018. Citado na página 17.
- SULLWOLD, E. *O Reencontro da criança interior*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1999. Citado na página 9.
- WOOLGER, J. B.; WOOLGER, R. L. *A Deusa Interior*. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1993. Citado 3 vezes nas páginas 13, 14 e 33.